

Considerações sobre a literatura da região circum-Roraima: originalidade, circulação, transposição e deriva literária

Fábio Almeida Carvalho^a

Resumo

Tomando como base o solo da cultura da região circum-Roraima, localizada no extremo norte da América do Sul, na tríplice fronteira Brasil-Guiana-Venezuela, o ensaio discute sobre o fazer teórico e crítico no campo dos estudos literários em nossos dias, quando a onda globalizante convive com os reclames e a inflação do nacional, do local e do étnico, entre outras manifestações minoritárias que ganharam espaço na agenda política e cultural hodierna, com base em uma perspectiva que privilegia a reflexão sobre os modos que a circulação literária e os processos de trocas e transferências literárias e culturais reconfiguraram tanto a literatura quanto os estudos literários.

Palavras-chave: *circulação literária; literatura-mundo; literatura circum-Roraima.*

Recebido em: 14/04/2019

Aceito em: 01/11/2019

^a Instituto Insikiran. Programa de Pós-Graduação em Letras. Programa de Pós-Graduação Sociedade e Fronteiras. Universidade Federal de Roraima. E-mail: fabioalmeidadecarvalho@yahoo.com.br.

I

Os modos por que a pulsação e a vida de quase toda aldeia particular são também motivadas pelos movimentos da grande aldeia global vêm ganhando crescente relevância entre as questões que interpelam a inteligência do nosso tempo. A força das práticas do ir e vir cultural e das viagens físicas e da imaginação, ora mais facilitadas ainda pela vasta amplitude do universo virtual e pelo caráter globalizado das comunicações, acabaram pondo em xeque velhas noções assentes não somente sobre os limites e os alcances da existência e da atuação dos estados nacionais, mas também sobre a unidade e as divisões internas do tecido social e cultural das nações.

De outra perspectiva também tem chamado à atenção a maneira por que em diversas partes do mundo vêm aflorando movimentos que tendem a dividir as populações locais em grupos humanos que criam e demarcam campos de oposição a partir não somente de aspectos como a história vivenciada por cada grupamento, senão também de elementos como a cultura divergente que alegam produzir. Esse rico e robusto fenômeno de ordem cultural tem contribuído tanto para a melhoria da percepção quanto para o aumento da compreensão de quão rica é a diversidade humana.

Nos limites e extremos desses movimentos contrapostos, tanto se coloca o risco de *standartização* cultural, dada a força do processo de globalização da cultura, quanto o fortalecimento e a valorização de concepções bastante restritas e limitadas, haja vista que se baseiam, grosso modo, na ideia tosca de que cumpre sempre resistir e recusar a globalização de ideias porque esta implicaria, obrigatória e necessariamente, nefasta ocidentalização.¹ Trata-se, como se percebe, de fenômeno a um só tempo complexo e difuso e cuja circunscrição não se restringe somente ao âmbito dos estados nacionais, já que também abrange dimensões de corte *infra* e *supra* nacional.

Feitas essas breves considerações sobre a nova configuração do local e do global, não podemos deixar de reconhecer que, por um lado, ainda existem grandes desequilíbrios do poder que organiza e define as condições de circulação e de validação de produtos oriundos de diferentes ecossistemas culturais e, por outro, também não podemos deixar de notar que, nessa nova ordem da cultura mundial, obras de imaginação e de espírito,

¹ Para A. Sen (2006, p. 171), a ideia é "contraproducente em si própria como pode também acabar por ser uma boa forma de as sociedades não ocidentais darem um tiro no pé – mesmo no seu querido pé cultural".

produzidas em diferentes latitudes e em diversos extratos culturais, circulam como nunca pelo planeta. Além de uma nova configuração mundial vigendo para a indústria cultural e literária, essa realidade também atesta a existência de um ritmo de trocas e transferências literárias e culturais sempre mais vertiginoso, que necessita ser melhor compreendido em sua complexidade.

No campo dos estudos literários, a ostensiva realidade desse estado multifacetado de coisas tem instado a inteligência do nosso tempo tanto a se empenhar em compreender com mais profundidade os modos de circulação de artefatos literários oriundos de diferentes sistemas culturais no espaço da cultura mundializada,² quanto a se comprometer com a salvaguarda e a valorização do patrimônio material e imaterial das culturas ditas não ocidentais e minoritárias – ou seja, com o fortalecimento daquelas produções locais e étnicas, historicamente silenciadas na esfera das culturas nacional e global.

No âmbito da produção crítico-analítica, esses processos emergiram e se alastraram do campo dos estudos literários, em particular, para o da cultura, em geral, e começou a tomar forma e contornos mais definidos nos anos 1960, vindo a tornar-se dominante nos anos 1990. Jonathan Culler (1999, p. 50) constata que o modelo de abordagem dos estudos culturais, prevalente desde então, tem como base um duplo princípio orientado, de um lado, pela vontade explícita de fazer e contar a história “a partir de baixo”, e, de outro, pelo desejo de instituir a cultura popular como forma de expressão verdadeira dos povos. A emergência e a predominância dos estudos culturais deram margem a uma ampla e intensa discussão desde então desenvolvida em torno das formas e dos critérios para o estabelecimento do repertório “das grandes obras”, que acarretou não apenas a expansão, mas também a re-concepção do “cânone literário”, e não somente de cada país, mas também da Literatura Mundo.³

² A circulação seria, do ponto de vista de Damrosch (In: LONGXI, 2017) um dos principais traços definidores da Literatura Mundo. J. L. Jobim (2017) preparou importante volume sobre a tópica da circulação literária.

³ Dessa expansão ilimitada e que, em tese, inclui toda e qualquer obra produzida em todos os diversos ecossistemas culturais do planeta, deriva a “natureza selvagem” e indomável da Literatura Mundo em nossos dias. (Cf. Z. LONGXI, 2017).

II

Eis questão das mais relevantes para a construção de sentidos para as produções culturais e literárias dos nossos tempos e razão pela qual o presente ensaio propõe discutir alguns aspectos relevantes do fenômeno que se manifesta

por meio da contradição instalada no vão entre o processo de globalização/mundialização da cultura e o movimento de valorização das particularidades das diversas culturas locais e das minorias historicamente silenciadas (SEN, 2006). As extensas cadeias textuais, que se formam no bojo desses processos de transposição, apropriação, assimilação e reelaboração de elementos que, na origem pertencem a sistemas e circuitos textuais minoritários e passam a circular em espaços culturais mais amplos, são geralmente marcadas por camadas de sedimentação sobrepostas, derivadas de sucessivas etapas de transposições e de traduções.

Mas aquilo que parece estruturar-se como uma díade opositiva (o local e o global, o centro e a periferia) se assenta, de fato, sobre alicerces mais amplos: afinal, enquanto numa dimensão do fenômeno se agregam, em feixe, elementos de cultura que circulam para além de seus espaços de origem, ou seja, componentes de caráter “global”, em outra se juntam elementos de fatura nitidamente “nacional”, que dividem terreno, em regime de solidariedade e de recusa, a um só tempo, com elementos de estofa e fatura “regional”. Trata-se de questão cerrada e densa que ainda se torna mais complexa por causa das manifestações literárias estaduais.

Diante do caso, temos de reconhecer que a perspectiva regionalista aparece “sempre reagindo de forma problemática aos processos unificadores nacionais”, como bem lembra Humberto Hermenegildo de Araújo (2013, p. 131). Abordando a questão de outro ângulo ainda, José Luís Jobim (2014, p. 49) acrescenta que

Pensar em regionalismo transnacional não é novidade também, visto que as propostas de regiões com traços culturais comuns não se limitam ao recorte dentro dos territórios nacionais, mas podem abarcar diversos países vizinhos, por exemplo. Em sua forma mais radical, a proposta de regiões com traços culturais comuns pode, inclusive, abarcar mais de um continente. (JOBIM, 2014, apud ANDRADE, 2014, p. 49)

Ainda noutra vertente da mesma questão, o movimento de valorização da diversidade provocou espécie de fratura cultural e literária no corpo social das nações, dando azo à manifestação de identidades não reconhecidas e politicamente minoritárias, tais como índios, negros, mulheres e ciganos,

e ainda homossexuais, entre outras que ora clamam por direitos e voz. Prova irrefutável desse estado de coisas é o fenômeno do aparecimento de verdadeiros nichos editoriais e de mercado, cujas produções são inscritas no campo da “literatura indígena”, da “literatura afrodescendente”, “gay”, “pós-colonial”, “feminina”, entre outras variantes típicas do modelo da diversidade.

A emergência e a prevalência desse estado de coisas embaralharam e fragmentaram as condições de existência das culturas e das literaturas em nosso tempo. Os estudos culturais provocaram abalo sensível e modificação patente na formação dos cânones nacionais e na circulação dos textos literários, que passaram a ser constituídos, estruturados e, por conseguinte, avaliados, não mais com base na qualidade da formação humanística, do caráter nacional ou da literariedade das obras concretas, como ocorria quando da predominância dos modelos humanista, romântico-nacionalista e estruturalista, respectivamente, mas sim pela habilitação e validação do “critério da diversidade”, que pressupõe a “capacidade da literatura para a apreensão e a expressão das várias identidades psicossociais”. (SOUZA, 2014, p. 209).

III

Atentar para a hiperinflação do local e do étnico, em contraste com os perigos da avassaladora onda globalizante, talvez nos ajude a compreender melhor o funcionamento de partes aparentemente antagônicas de uma mesma engrenagem complexa. Disso deriva, como já notou (JOBIM, 2002), certa demanda por abordagens teóricas e críticas que ajudem a lançar luz sobre o processo de alargamento das fronteiras culturais e literárias do mundo a um só tempo global e fragmentado em que vivemos. Por isso, em nossos dias, mais de uma vez, o campo das humanidades tem reclamado da ausência de abordagens que tratem das especificidades dos produtos de manifestações culturais que “esgarcem e afrontem as fronteiras do pensamento humano”. (BERND, 2013, p. 213).

Daí, ao que parece, a necessidade de avançar para além da moda e da retórica culturalistas e de superar a ânsia por abordagens *inter*, *pluri*, *multi* e *transdisciplinares* (que eu particularmente confesso não ter muita clareza sobre os

conceitos e alcances e limites que definem cada uma dessas variedades de abordagem teórico-crítica).

E talvez assim, quem sabe, até possamos reunir alguma condição de felicidade para superar as armadilhas ideológicas que tanto nos interpelam e que, apesar das superficiais vestes *inter*, *pluri*, *multi* e *trans*, tendem a tratar os elementos desses conjuntos como se ocupassem espaços estanques e impermeáveis.⁴

O surgimento e a proposição de novas abordagens teórico-metodológicas, ou seja, de modelos de interpretação adequados à realização de análises mais consistentes, tanto para objetos de arte verbal gestados em espaços e circuitos intersticiais, quanto de artefatos de arte-linguagem que circulam em espaços de ecologia textual diferentes daqueles de suas culturas originárias, parecem se fazer necessário e premente ao campo das humanidades em nossa época. Não obstante, num cenário ainda marcado pela inexistência de disciplinas devidamente estruturadas e preparadas para fazer a crítica "circular do folclore à antropologia, da comunicação à história da arte", como propõe Serge Gruzinski (2001, p. 44), parece impor-se a necessidade de que sejamos efetivamente capazes de promover e realizar leituras dotadas de alguma consistência interpretativa sobre os derivativos da criação realizada nas frinças e nos interstícios dos sistemas culturais.

Diante, portanto, desse quase vazio disciplinar e do conseqüente esvaziamento das funções da História, da Teoria e da Crítica literárias, temos de reconhecer que o caso parece exigir mais que "um ecletismo fácil, um uso fácil de subsídios descontextualizados e catados pela rama em alguma área de conhecimento mais ou menos vizinha", como alerta Souza (2016, p. 44). Assim, em vez da fixação ansiosa que se centra na busca da essência condicionante do *frame* de uma dada cultura sobre cada obra particular, o trabalho teórico-crítico no campo dos estudos literários parece também apresentar rico e frutífero veio quando se volta para as questões das trocas e transferências literárias e culturais, bem como para o modo em que se dá a circulação de produtos oriundos de diferentes sistemas culturais na economia da cultura mundializada.

⁴ A ensaísta norte-americana M. Perloff alerta (2018) para o fato de que, nos EUA, o multiculturalismo reduziu o interesse do público pela poesia de outros países. Para ela, "os estudos culturais pressupõem, mesmo que não explicitamente, que um dado poema ou um dado romance é sintoma de uma formação econômica, social e cultural específica, e os pesquisadores se atêm a características gerais em detrimento do trabalho individual. Nesse caso, como já afirmou John Guillory, os estudos culturais podem prescindir da literatura e concentrar sua atenção em Madonna, revistas em quadinhos e shoppings centers. A literatura fica para trás. A maioria dos acadêmicos americanos enxergou isso e tenta, agora, um retorno à literatura. Quem é que quer estudar só sociologia?"

IV

Na tentativa de conferir alguma organicidade ao cenário "selvagem" da crítica e da teoria literárias de nossos dias, caracterizada por espécie de relativismo absoluto, o pensador chinês Zhang Longxi (2017, p. 55) defende um tipo de abordagem literária em que "o problema crítico tende a se resolver no ato da leitura em si e é provavelmente em ler os melhores trabalhos de diferente tradições literárias do Oriente e do Ocidente que o futuro de nossa disciplina reside". Disso deriva o compromisso do crítico e da crítica com a busca de fixação de um tipo de protocolo de leitura e de construção de sentidos capaz de garantir a participação qualificada de obras produzidas em quadros de culturas e literaturas "menores", "não ocidentais" e periféricas no concerto da Literatura Mundo.

O compromisso com o processo de retomada da leitura literária de grandes obras, aquelas oriundas de diferentes tradições, e que são verdadeiramente merecedoras de detida atenção crítica e de acurada reflexão teórica, em razão não apenas da força de sua expressão, senão também da profundidade e da qualidade da problematização que propõem sobre a condição da vida humana, pode, quem sabe, redimir a teoria e a crítica literária, em alguma medida, do ocaso, numa sociedade carente de profundidade e de sentido como essa em que ora vivemos. Quem sabe, assim, possamos intentar "alcançar uma revitalização dos estudos de literatura, equilibrando a experiência estética da leitura por prazer com a gratificação intelectual da profundidade teórica e da visão do outro". (LONGXI, 2017, p. 55).

Nesse cenário, em que sobressai o combate e a recusa de certo purismo beletrístico, típico das abordagens de caráter estetizante, não se pode deixar de reconhecer a necessidade de se manter o caráter e a dimensão própria à leitura e à interpretação literária como objeto e finalidade da crítica e da teoria literárias. Assim, diante do verdadeiro estado de anarquia das interdisciplinaridades e suas conseqüentes confusões, a realidade parece exigir a cunhagem de abordagens teóricas e críticas que, por um lado, reconheçam (sem hipertrofiar, todavia) as especificidades das diferentes perspectivas (o regional; o nacional; o global; estadual; o étnico etc.) e, de outro, se esforcem e também invistam no entendimento mais

profundo sobre as formas de tradução, de circulação e de funcionamento dos fluxos de transferências literárias.

V

A circulação literária e as trocas e transferências de elementos culturais oriundos de tradições múltiplas e diferentes, que se realizam nas frinchas e nos interstícios do fenômeno global-nacional-regional/local-étnico, são, mais que nunca, sustentadas por forças e contingências muito diversas, poderosas e dinâmicas. Nesse ambiente a um só tempo globalizado e localista da cultura em que predomina a existência de todo o tipo de deslocamentos, trocas, assimilações, reinserções e aproveitamentos, torna-se cada vez mais difícil e artificial fazer a defesa de que produções artístico-verbais concretas representam exclusivamente caráter global, nacional, regional – o que dizer, então, das literaturas estaduais? E desse modo, por contiguidade de tratamento, talvez o mesmo valha para as produções derivadas da extração seja de grupos étnicos, de gênero ou de qualquer outro segmento no âmbito das sociedades nacionais.

Passos importantes – no sentido tanto de garantir a circulação e a inclusão dos trabalhos mais significativos das literaturas de diferentes tradições nos cânones, quanto no de reafirmar a importância da dimensão estético-literária nos processos e protocolos de leitura e interpretação de obras literárias – vêm sendo dados pelos estudos desenvolvidos no campo da Literatura Comparada – sobretudo por aquele veio derivado da perspectiva da Literatura Comparada Mundo. O método de abordagem da Literatura Comparada apropriou-se de determinados avanços materializados no campo dos Estudos Culturais e, por consequência dessa aproximação, o campo disciplinar comparatista acabou bastante se beneficiando de uma salutar expansão do conceito de cultura, como bem resenhou Eduardo Coutinho (2017, p. 72), no *Discurso da Emergência*:

[A Literatura Comparada é o] estudo comparativo de literaturas nacionais diversas ou produzidas em idiomas diferentes [que passou por] para um verdadeiro diálogo de culturas, em que, além de incluir a produção literária que não fazia parte do veio canônico ou erudito da tradição ocidental, como a de países ou regiões de menor prestígio no panorama político-econômico, ou de grupos considerados “minorias de

poder", passou a contemplar expressões literárias até então à margem dos estudos acadêmicos, como certas formas de produção popular e discursos da ordem da cultura, incluindo a chamada "literatura oral", mas que não tinham o *status* de literários ou estéticos. Essa transformação, que decorreu em grande parte de contribuições de correntes do pensamento que tiveram um papel importante no meio acadêmico ocidental na segunda metade do século XX, como a Desconstrução, a Nova História e os Estudos Culturais e Pós-Coloniais, ampliou consideravelmente o âmbito da disciplina [Literatura comparada], conferindo-lhe uma projeção extraordinária no plano internacional.

Diante da incorporação da diversidade cultural, o caráter eminentemente comparativo da Literatura Comparada pode ajudar a superar o medo de que a cultura literária se torne uma "monocultura literária relativamente intratável que viaja através do mundo absorvendo a diferença", como alertou Emily Apter (apud. BOESCU, 2017, p. 90). Nesse sentido, os princípios de desterritorialização postulados por determinadas propostas de abordagem da Literatura Comparada Mundo podem, conforme Boescu (2017, p. 90) "dirimir o perigo da unificação e estandartização da arte mediante a valorização de como a obra de arte se manifesta diferentemente em uma cultura outra em relação àquela na qual se originou". Essa perspectiva de leitura valoriza a habilidade dos textos sobreviverem (e mudarem) fora de seu sistema original de produção e apresenta a vantagem de permitir "comparar conjuntos de textos diferentes, ou mesmo dessemelhantes, de sistemas que não necessariamente pertencem à mesma visão de mundo ou aos mesmos contextos culturais/históricos". (Boescu, p. 91)

Da perspectiva de tal atitude crítica são valorizadas as dessemelhanças e desconformidades entre textos de uma mesma tradição discursiva oriundos de séries culturais distintas, ou seja, as "incompatibilidades", no dizer de Helena Carvalhão Boescu (2017, p. 92), entre "elementos que se destacam como dissonância no corpo dos textos". Essa espécie de deslocamento obriga a ler de outra maneira, uma vez que constitui estratégia interessante para que se possa pleitear conseguir definir um lugar de destaque para as literaturas periféricas, minoritárias e, enfim, para as obras oriundas de ecossistemas culturais tradicionalmente considerados desimportantes; demais, esta também constitui estratégia

sedutora para quem trabalha com teoria e crítica literária na periferia do grande sistema de produção de pensamento.

Considerando a validade do quadro esboçado, talvez o caso seja de que nós, os que trabalhamos nas bordas e na periferia do sistema mundial de cultura, devemos investir criticamente na estruturação de cânones locais, com o objetivo último de criar condições para propiciar um trânsito mais amplo e consistente dos melhores artefatos produzidos nos quadros de diferentes ecossistemas culturais. Talvez assim possamos contribuir, de fato, para a valorização desses artefatos e das culturas que eles representam no concerto da Literatura Mundo. Ou seja: devemos nos empenhar para que as mais qualificadas produções de cada tradição particular circulem para além dos circuitos internos de que são originários: eis tarefa de máxima importância para os estudos literários, em particular, para a inteligência de nossa época, de modo geral.

Diante, pois, da particular dinâmica do local e do universal, que ora ganha novos contornos e matizes, reafirmamos o objetivo de contribuir, em alguma medida, para o adensamento dessa discussão mediante o enfoque da realidade cultural da região circum-Roraima, em sua dinâmica de interação com as realidades mais amplas da Amazônia, do Brasil, das Américas e do mundo globalizado, enfim.

VI

Doravante, apresentaremos alguns aspectos referentes à cultura circum-Roraima e focalizaremos de forma panorâmica a questão do modo por que as formas da expressão e a produção literária e cultural originárias dessa região têm contribuído para a estruturação das literaturas das três nações de que participa: Brasil, da República Cooperativa da Guiana (ex-Guiana Inglesa) e da República Bolivariana da Venezuela. Conforme Butt-Colson (1985, p. 103-149), o designativo circum-Roraima tem sua origem em Cesáreo Armellada e constitui uma área etnográfica caracterizada por apresentar um *continuum* cultural, onde diferentes povos indígenas compartilham tradições e características. Trata-se de uma região que abarca um espaço transnacional localizada no extremo norte da América do Sul e que tem como marco o magnífico monte Roraima.

Um primeiro aspecto que chama à atenção diz respeito ao fato de que, à diferença do que ocorre com outras regiões culturais do Brasil, tal como a região dos pampas, que também se apresenta na condição de zona de cultura de abrangência transnacional e transfronteiriça, e que há tempos já vem sendo objeto de estudo sistemático do pensamento crítico-interpretativo, no lado brasileiro da região circum-Roraima pode-se constatar que mal ainda engatinham as realizações de espírito interpretativo sobre as diferentes manifestações culturais que dão vida às sociedades que povoam seu espaço. Assim, vale desde já salientar que o aprofundamento da pesquisa sobre a questão apresenta relevância para o processo de consolidação de uma comunidade de espíritos mais fecunda e produtiva no extremo norte do Brasil, em Roraima – lugar de onde emana e se projeta a presente enunciação.

Afinal, havemos de reconhecer e combinar que, em Roraima, somente agora, depois de decorrida pouco mais de duas décadas da implantação de cursos de graduação e, posteriormente, de pós-graduação, em Letras, é que começa a estruturar-se a vida acadêmica e, com ela, o espírito de investigação. Por conseguinte, somente agora as realizações do espírito interpretativo começam a produzir material um pouco mais consistente sobre as particularidades da produção local em sua relação com as culturas brasileira, venezuelana e guianense, em particular, e latino-americana e global, como um todo.

Demais, sendo o tecido social de Roraima resultado do encontro e da mistura de vários povos indígenas (macuxi, wapichana, taurepang, ye'kuana, wai-wai, ingarikó, entre outros), com migrantes de todas as partes do Brasil (com predominância de nordestinos, sobretudo maranhenses), e, ainda, com estrangeiros (com maioria de venezuelanos, guianenses e haitianos, mas também de várias outras partes), o aprofundamento da análise interpretativa dessa realidade com certeza pode ajudar a ampliar nosso entendimento sobre o modo por que elementos culturais com uma alegada origem se inserem em outras séries e espaços culturais e nela ganham novos sentidos. Também podemos encontrar munção para comprovar o argumento de que os processos de trocas e de transferências literárias e culturais são importantes para a vitalidade das culturas em processo de interação.

Diante desse quadro, temos de reconhecer pelo menos duas coisas: a primeira diz respeito ao fato de que produzir e desenvolver pensamento crítico sobre os processos e as realizações de obras concretas, originárias da criação imaginativa e de espírito próprios das zonas periféricas da grande produção do pensamento, é tarefa ora bastante facilitada pelos ventos que varrem a nossa época. Nunca as ditas “periferias” foram tão valorizadas e “centrais” quanto o são agora. A segunda tem a ver com o fato de que, ainda assim, não se trata de tarefa das mais cômodas – em razão sobretudo de que o trabalho crítico tem de ser realizado quase sempre *dal capo!*

Ainda é tocante a ausência de lastro analítico e teórico da questão no campo dos estudos literários sobre a cultura do extremo norte. Trata-se de tarefa cuja existência ainda é marcada pela quase ausência de tradição literária e crítica própria e que somente no agora o sistema literário começa a estruturar-se de maneira um pouco menos inconsistente. Mas, ao mesmo tempo, temos também de reconhecer que os ares que sopram em nossa época ensejam a possibilidade de adotarmos posições mais abertas e cosmopolitas em relação à consideração das realizações que envolvem a riqueza da cultura de uma região como o circum-Roraima.

Diante de um mundo globalizado, marcado por todo tipo de mobilidades, de trânsitos e de fluxos migratórios, bem como pelo acirramento hipertrofiado das trocas e transferências literárias e culturais, os estudos literários comparados reconhecem a existência de enormes lacunas e, por isso, talvez ainda se ressintam da necessidade da realização e do desenvolvimento de pesquisas de caráter transnacional e transcultural, que abarquem várias “comunidades imaginadas”, no sentido que Anderson dá ao sintagma (1993), uma vez que produzidas em contextos de hibridismos e mestiçagens várias e diversificadas (GRUZINSKI, 2001). Eis um trabalho que demanda esforços de mais de uma geração até que se possa desfrutar de situação mais cômoda.

VII

As formas da expressão literárias das três nações americanas que partilham o território do extremo norte da América do Sul, quais sejam, Brasil, Guiana e Venezuela, são

fortemente marcadas pela presença da natureza exuberante, pela paisagem e pelas textualidades originárias da região cultural que se estrutura em torno do monte Roraima, designada pela literatura etnográfica de região circum-Roraima. Ou seja, os elementos natural e humano, bem como as textualidades dessa região, sobretudo aquela de fatura indígena, parecem ser elementos diferenciais desse *locus* específico de criação do espírito.

Por meio do aproveitamento erudito das textualidades indígenas, a cultura da região circum-Roraima tem contribuído de forma bastante decisiva para o desenvolvimento da cultura de cada uma dessas três nações do norte da América do Sul e, por isso, desempenha, mais que qualquer outra talvez, papel relevante na configuração da literatura americana como um todo. A história, a paisagem, tanto quanto os textos de seus habitantes originários, suas histórias, narrativas e mitos têm sido decisivos enquanto matéria fundante dos projetos de construção do caráter própria dessas três culturas nacionais de que participa. Esse processo de transposição tem sido fator decisivo para o desenvolvimento das literaturas do Brasil, da Guiana e da Venezuela.

Lúcia Sá (2017, p. 75), que se dedicou ao estudo das diferentes tradições das literaturas da floresta, é da opinião que “poucas regiões amazônicas têm alimentado mais de estrangeiros do que o circum-Roraima”. E acrescenta que

A região do circum-Roraima tem desempenhado um importante papel nas literaturas nacionais da Venezuela, Guiana e Brasil. Por um lado, como lugar-conceito, ela é o ‘coração das trevas’ ou ‘mundo perdido’ que precisa ser incorporado ao mito fundacional do Estado-nação. Por outro lado, o circum-Roraima é também um manancial de tradições culturais e literárias indígenas que permitiram que escritores tão distintos como Wilson Harris e Mário de Andrade questionassem não só o mito fundacional da nação, como também a unidirecionalidade do tempo e a integridade do indivíduo burguês. Ao invés de ser um mundo perdido do passado, região do circum-Roraima pode, nesses termos, ser lida como o berço do moderno romance na América do Sul. (SÁ, 2017, p. 92-93).

Não faltam exemplos dessa tradição que concebe o “lugar-conceito” enquanto “coração das trevas”, “mundo perdido”, que podem ser colhidos na literatura, no cinema,

na expressão musical, entre outras manifestações artísticas. Boa amostra dessa espécie de abordagem, encontramos, por exemplo, em *Canaima*, de Romulo Gallegos, que mimetiza, com grandeza e agudeza literária, o ambiente da microregião Canaima, na Venezuela. Essa é uma tradição de longo alcance e de muitas facetas, que tem servido de argumento para não raras produções hollywoodianas.

Este estado de coisas representa algo de fundamental importância para a produção de pensamento num espaço que, ao mesmo tempo que se localiza na “periferia” dos grandes centros produtores de pesquisa e pensamento, desfruta de uma posição estratégica, dada a dimensão transnacional de sua localização e o potencial que esse estado de coisas tem para alimentar aquilo que se produz em termos intelectuais. Afinal, vivemos um tempo marcado por todo tipo de descentramento e que propicia, mais que no passado, condições para manutenção de uma vida intelectual densa em regiões periféricas, afastadas dos grandes centros produtores de erudição, de cultura e de aprofundamento crítico do conhecimento da realidade. A periferia hoje encontra melhores condições para produzir pensamento profundo e de qualidade e, por conseguinte, de participar mais do concerto da inteligência do nosso tempo. Mas isso depende, é preciso ter consciência, em larga medida, do que fazemos e, sobretudo, do modo que fazemos.

VIII

De outra perspectiva, é importante notar que, apesar do reconhecimento quase generalizado pela inteligência brasileira de que as fontes textuais indígenas inspiraram grandes autores das literaturas nacionais americanas – para um brasileiro de cultura mediana, *Macunaíma*, de Mario de Andrade, talvez seja o caso mais exemplar, aquele que primeiro acode à memória –, os textos ameríndios têm sido, em geral, quase desconsideradas não apenas no que tange a seus fundamentos estéticos, mas também no que diz respeito a sua capacidade de se manter e atualizar, bem como de nutrir discursos inscritos em diferentes esferas da experiência humana. Assim, tradicionalmente relegados à condição de textos reconhecidos pelo exclusivo caráter etnográfico, cujo valor deriva tão-só do fundo folclórico que apresentam, as realizações verbais ameríndias têm sido,

de forma contumaz, negligenciadas pelos discursos teóricos, históricos e críticos desenvolvidos no âmbito das literaturas latino-americanas, no Brasil, em particular.

Considerando esse estado de coisas e amparado numa concepção de literatura que propicia distender o campo de abrangência da arte verbal e, por conseguinte, circunscrever e abarcar realizações originárias não somente da esfera da literatura propriamente dita, senão também do folclore, do mito, da fábula e da lenda – produtos da atividade verbal considerados, as mais das vezes, destituídos de valor estético –, este parece ser um terreno profícuo para aqueles que se ocupam intelectualmente desta região.

Essa proposta abre um veio investigativo interessante sobre as qualidades éticas e estéticas das fontes textuais indígenas, bem como sobre os modos de aproveitamento, de apropriação e de transposição das fontes textuais ameríndias pelas literaturas nacionais. Esse tipo de abordagem necessita de se ancorar numa concepção de corte geográfico, histórico, social, ético e estético, que considere não apenas a unidade cultural dos diferentes povos dessa região, mas também o vazamento dessas fronteiras em diferentes pontos e de diversas formas.

Desse modo de conceber a situação, segundo entendemos, emana enorme potencial de investigação sobre a multiplicidade das formas de atualização, de transposição e de circulação dos textos e discursos ameríndios. Demais, temos a convicção de que tal concepção teórica e crítica também pode ajudar a potencializar e a ampliar as possibilidades de realização das criações eruditas de espírito.

IX

Circunscrita às adjacências do monte Roraima e habitada por diferentes povos de filiação linguística karib e arawak, as fontes textuais indígenas oriundas da região circun-Roraima têm sido coletadas e reunidas em conjuntos narrativos da maior importância, tais os casos dos *Mitos e lendas dos índios Taurepang e Arekuná*, coletados por T. K-Grünberg (2002[1924]) e da *Mitologia Makiritare*, coletados por Marc De Civrieux (1970). Esses, entre outros viajantes, aventureiros e etnógrafos que por aqui passaram, deixaram um legado capaz de marcar um lugar destacado na cultura brasileira. Se quisermos distender

um pouco mais a abrangência geográfica, podemos também incluir *A lenda do Jurupari*, publicada por Stradelli (1890), cuja autoria encerra episódio interessante, mas que não vem ao caso.

Por meio da obra destes homens, fato é que tanto a paisagem e os costumes quanto o homem da região circum-Roraima têm marcado de forma decisiva as obras resultantes de esforços de literatos de grande calibre: no Brasil, o caso mais emblemático é com certeza o de Mário de Andrade, autor de *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*; na Venezuela, destaca-se o caso de Romulo Gallegos, autor do clássico *Canaima*; na república da Guiana, chama a atenção o caso de Wilson Harris, autor de *The sleepers of Roraima*, para ser extremamente econômico na lista. Na senda de configurar as marcas nacionais das literaturas de que participam e constroem a um só tempo, esses escritores encontraram no solo das culturas da região circum-Roraima os elementos de que necessitavam para inscrever a particularidade do elemento local/nacional no concerto das literaturas nacionais e universais – de que também aspiravam participar.

O aprofundamento da consciência sobre os processos de transposição da arte verbal indígena para diferentes campos do discurso e sobre a circulação dos textos de matriz indígena em sistemas culturais mais amplos, ou seja, para além do espaço de suas culturas de origem, reclama por abordagem destituída não apenas de ingênua concepção gloriosa do elemento étnico, mas também de preconceitos ufanistas e de todo tipo de paternalismo intelectual. Considerar os movimentos de vai e vem e de reviravoltas desses processos contínuos de desterritorialização apresenta-se como estratégia interessante para comparar semelhanças e dessemelhanças, senão também potencializa perceber com mais clareza as (in) compatibilidades mantidas entre textos pertencentes a séries históricas diferentes e a culturas distintas; demais, parece também ampliar as possibilidades de percepção sobre o modo como as culturas se relacionam – o que, por derradeiro, propicia desnudar, supomos, os mecanismos que sustentam o *soft power* regulador dos valores das culturas nos mercados regionais, nacionais e internacional.

Diante, pois, do reconhecimento não apenas de que há lacunas teóricas e críticas a serem preenchidas sobre as formas como os textos originados no campo da arte verbal indígena

são transpostas, sempre em diapásão dissonante, para outras culturas e esferas do conhecimento, mas também sobre os modos como a circulação desses textos indígenas afetam as obras dos escritores mais proeminentes das literaturas americanas, propostas de investigação como a que ora se apresenta, parecem dotadas de algum grau de pertinência e relevância.

X

A emergência de um movimento de autoria literária indígena no Brasil tem como alicerces duas frentes complementares: uma delas tem lugar no chão de um lento e progressivo avanço de um processo de escolarização que vem sendo implantado, desde a constituição de 1988, sob a forma de escola diferenciada indígena; a outra tem a ver com a vaga literária indígena que se vem destacando e ganhando forças a ponto de assumir, nos dias de hoje, a forma de verdadeiro fenômeno de mercado, alavancado, sobretudo, por força do que estabelece uma lei brasileira que tornou obrigatório o ensino de história e cultura indígena e afrodescendente.

Conforme Roberto Acízelo de Souza (2018, p. 93-94), essa situação constitui uma feição radicalmente nova da produção editorial brasileira relacionada com a questão do índio: trata-se de obras produzidas por autores indígenas, nas quais, por conseguinte, pela primeira vez o ameríndio deixa de ser motivação ou objeto de discursos produzidos por não-índios, para assumir o controle dos enunciados, falando em seu próprio nome. Estaria, pois, encerrada a era em que a alteridade indígena permaneceu dependente da literatura branca para expressar-se na comunidade nacional, sempre com as inevitáveis deformações determinadas por tal dependência. Assim, teríamos alcançado um momento em que ela se autonomiza, concretizando-se em textos da lavra de escritores indígenas, como, por exemplo, Kaká Jekupé, Eliane Potiguara e Daniel Munduruku. Tal conjunto de textos, cuja produção e difusão se veem favorecidas no atual ambiente político e pedagógico marcado pelo multiculturalismo, coloca para os estudos literários diversos problemas importantes e correlativos, entre os quais: relações entre oralidade e escrita, diferenças entre mito e ficção autoral, limites entre valor estético e funcionalidade ético-política, bem como, e sobretudo,

a questão de como e sob que condições a prática da literatura, em princípio própria da história ocidental, pode converter-se em instrumento de outras histórias.

Em tempos como os nossos, em que a noção de “politicamente correto” se impõe e pressiona toda a cadeia de atividades relacionada com a criação artística, quase sempre prevalece uma abordagem paternalista em relação aos construtos textuais indígenas. No que diz respeito a essa questão, temos a convicção de que, mais importante do que simplesmente dispendar esforços para provar que existe uma literatura indígena, e que esta se estrutura por uma outra lógica e merece ser avaliada sem termos de comparação com outras com que entrou em contato, parece mais promissor empenhar-se em levantar e registrar os modos de existência e circulação dos conjuntos textuais e, em seguida, avaliar suas peculiaridades, similaridades e diferenças, senão também sua capacidade de adaptar-se e continuar existindo com elementos de outros sistemas culturais. No entanto, grande parte desse trabalho ainda está por ser devidamente realizado.

Não obstante, vale nesse passo acrescentar que se, por um lado, o caso apresenta a legítima vantagem de colocar a questão da existência das textualidades indígenas na pauta da agenda intelectual brasileira e americana, por outro, constata-se que seus desdobramentos também não respondem somente a um item da agenda de luta indígena, haja vista que trata-se de uma demanda que se apresenta numa encruzilhada criada por necessidades derivadas da atuação de instâncias governamentais e do mercado livreiro voltado para a formação escolar. Daí decorre que os textos indígenas que ora circulam no movimentado mercado editorial do livro didático e paradidático brasileiro o fazem com forte apelo mercadológico e com quase exclusivo caráter infantil.

Esparços são ainda, todavia, os estudos mais equilibrados, empenhados em levantar, em termos qualitativos e quantitativos, os valores históricos, éticos e estéticos dos textos ameríndios. Em vez de simplesmente constatar as desigualdades nas trocas e transferências culturais, parece que mais vale trabalhar para melhor equilibrar a balança.

XI

Minguadas são também as abordagens críticas sobre os problemas decorrentes do aproveitamento das fontes textuais indígenas, de sua transposição para os campos do discurso etnográfico e literário. A mesma situação se repete quando se trata de fazer o balanço da participação das fontes indígenas ameríndias na construção do cânone das literaturas nacionais latino-americanas. No caso brasileiro, Mário de Andrade pode ser apontado como o caso mais radical de atuação intelectual em favor tanto do resguardo do patrimônio verbo-cultural indígena e do aproveitamento dessas fontes como material para recriação em termos artísticos de uma cultura própria para o Brasil e para os brasileiros.

Mário deixou um conjunto de apontamentos teóricos e críticos publicados de forma esparsa – um pouco deles disseminados em artigos (tal o caso da crônica literária intitulada “Os heróis inconsequentes”, publicada na coluna Vida Literária, do Diário Nacional, em 9 de julho de 1939, em que analisa as propriedades da trama ou urdidura dos textos ameríndios e o caráter distintivo dos heróis nativos americanos e, em especial, do *trickster* da região circum-Roraima); outro bocado em cartas escritas a seus amigos intelectuais, sobretudo a Manuel Bandeira e C. Drummond de Andrade, mas, principalmente, nos prefácios escritos para o seu *Macunaíma*.

Um caso bastante esclarecedor: Mário de Andrade foi sutilmente acusado pelo escritor amazonense Raimundo de Moraes de ter plagiado os textos indígenas coletados em Roraima pelo etnógrafo alemão T. Koch-Grünberg. Em resposta à acusação velada, o escritor paulista publicou, na edição de 20 de setembro de 1931 do *Diário Nacional*, carta-aberta “A Raimundo Moraes” na qual afirma:

Copiei, sim [...]. O que me espanta e acho sublime de bondade, é os maldizentes se esquecerem de tudo quanto sabem, restringindo a minha cópia a Koch-Grünberg, quando copiei todos. [...] Confesso que copiei, copiei às vezes textualmente. Quer saber mesmo? Não só copiei o etnógrafo e os textos ameríndios, mas ainda, na Carta pras Icamiabas, pus frases inteiras de Rui Barbosa, de Mário Barreto, de cronistas portugueses coloniais [...].(ANDRADE, 2008, p. 231-233).

Renunciando a arroubos de dramaticidade autoral, o escritor de *Macunaíma* concebe com naturalidade que inovar é relativo e que tanto se pode inovar com o novo quanto se pode inovar com o antigo; daí, ao que parece, a lucidez com que encarou e desenvolveu o trabalho de apropriação e de recriação dos textos-matrizes com que dialogava e que deliberadamente reconstruía. Mediante o trabalho de reciclagem realizado por Mário de Andrade, textos de origem diversa, com destaque para os indígenas, ganharam admirável foro novo e caráter extremamente original. Enfim, Mário de Andrade sempre demonstrou ter consciência quanto à realidade das afiliações concorrentes de sua obra. Eis exemplo cabal de como processos de reciclagem textual podem ser muito bem-sucedidos e bastante originais.

Sérgio Medeiros, responsável pela reedição dos conjuntos narrativos coletados por T. Köch-Grünberg, *Mitos e lendas dos índios Taurepang e Arekuná*, e pelo conde Stradelli, a *Lenda do Jurupari*, tem dedicado esforços aos estudos dos problemas concernentes à estrutura, à função e ao valor das fontes textuais das criações dos habitantes ancestrais das regiões do extremo norte do Brasil. Os ensaios intitulados *A mitologia do viajante solitário, e Contos confusos?* (In: MEDEIROS, 2002) constituem boa amostra da contribuição desse estudioso ao campo dos estudos da ética e da estética indígena. Na mesma direção, mas com lastro de pesquisa mais longo e resultados mais amplos e densos que estes, são os volumes preparados por frey C. Armellada (1989) e M. Gutierrez Salazar (2001; 2002) religiosos e etnógrafos italianos radicados na Venezuela e que constam entre os maiores estudiosos das textualidades dos índios que ocupam o espaço em tela.

Lúcia Sá (2012) desenvolveu estudo – em perspectiva panorâmica – sobre as tradições textuais ameríndias e sobre a sua participação na construção dos conjuntos literários identificados com as diferentes nações americanas: *Literaturas da Floresta: textos amazônicos e culturas americanas*. Também já dado por mim à luz *Makunaima≈Macunaíma, contribuições para o estudo de um herói transcultural* (2015), investigação que, fazendo espécie de *traveling* sobre as sucessivas realizações em torno do herói de origem indígena, apresenta parte da cadeia de deslocamentos culturais da personagem pemon e as

consequentes alterações de sentido que ganha em cada novo cenário cultural que passou a ocupar.

A investigação sobre o modo de transposição do material verbal de origem indígena para outros campos discursivos reflete o pioneirismo destas obras, originárias do campo da crítica e da teoria da literatura, mas que roçam as beiradas da etnografia, da ficção e da história. Em conjunto, elas vêm contribuindo para a expansão e a melhoria do quadro das culturas das nações onde foram gestadas.

XII

Cabe, então, aproveitar da ocasião, em que foram e se encontram consideravelmente ampliadas as possibilidades de enunciação nos processos de troca e transferências literárias e culturais, senão também melhoradas as condições de participação discursiva para quem produz teoria e crítica nas periferias e nas frinchas dos sistemas culturais, para expandir e aprofundar o veio crítico-discursivo sobre as riquezas e problemas próprios do terreno cultural e literário que ocupamos. Quem sabe assim possamos de fato ajudar a fortalecer a inteligência produzida no espaço em que vivemos, com o qual interagimos e observamos, e de onde também enunciamos.

E deste modo, mais que simples elaborações eruditas, que meras e faustosas criações engenhosas de espírito, destacadas do mundo e da realidade que nos envolve, quase ainda uma vez torre de marfim!, podemos, quem sabe, conseguir produzir um tipo de autoria crítica e teórica para dar substância ao pensamento que se alicerça e expande no ritmo espontâneo da vida e da realidade local, em suas relações e interações regionais, nacionais e transnacionais, mas também étnicas, em que de fato se estrutura. Quem sabe talvez possamos ajudar a fortalecer uma tradição analítico-discursiva que tenha uma atuação mais positiva sobre o meio que ocupamos – alimentando e ajudando a revigorar as formas da expressão literária e crítico-literária – que, afinal, apesar das especificidades imaginativas e analíticas, "é tudo farinha de um mesmo saco": – Literatura. Quiçá, possamos contribuir para um desenvolvimento mais orgânico e vigoroso da cultura e da expressão verbo-literária locais, em sua interface com a culturas nacionais e transnacionais. E assim, oxalá possamos

aos poucos ir marcando nosso lugar de fala no concerto da inteligência histórica, teórica e crítica literária do nosso tempo.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *As comunidades imaginadas*. México: Fondo de cultura, 1993.

ANDRADE, M. *Macunaíma*. O herói sem nenhum caráter. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

ANDRADE, M. Carta-aberta a Raimundo Moraes. *Diário Nacional*.a, 5, nº 1.262, São Paulo, domingo, 20 set. 1932, p.3.

ANDRADE, Roberto Carlos de. *Estudos de linguagem e cultura regional*. Problematizando fronteiras. 2014. Boa Vista, EdUFRR, 2014.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. As literaturas locais como manifestações periféricas determinantes. In: SALES, Germana; SOUZA, Roberto Acízelo de. (Orgs.). *Literatura brasileira, região, nação globalização*. Campinas: Pontes, 2013. p. 107-130.

BERND, Zilá. Afrontando as fronteiras da literatura comparada: da transnacionalidade à transculturalidade. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*.v. 15, nº 23, 2013. p. 211-222.

BOESCU, Helena Carvalhão. Literatura-mundo comparada e os mundos em português. *Revista de da ABRALIC*, vol. 19, n. 32, p. 89-92, 2017

BUTT COLSON, A. J. Routes of Knowledge: An Aspect of Regional Integration in the Circum-Roraima Area of the Guianas Highlands. *Antropológica*, v. 63-64, p. 103-149, 1985.

CARVALHO, Fábio Almeida de. *Makunaima≈Macunaíma, contribuições para o estudo de um herói transcultural*. Rio de Janeiro: Epapers, 2015.

CIVRIEUX, Marc De. *Watunna-Mitologia Makiritare*. Caracas: Monte Ávila, 1970.

COUTINHO, Eduardo. O Discurso da emergência. *Revista da ABRALIC*, vol. 19, n. 32, p. 68-73, 2017.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo, Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

GALLEGOS, Romulo. *Canaima*. Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Rio de Janeiro; Lima: ALLCAXX, 1996.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HARRIS, W. *The Sleepers of Roraima*. London: Faber & Faber, 1970.

JOBIM, José Luís. *Formas da Teoria*. Rio de Janeiro: Caetés, 2002.

_____. Literatura e cultura: nacionalismo, regionalismo e globalização. In: ANDRADE, Roberto Carlos de. *Estudos de linguagem e cultura regional*. Boa Vista: EdUFRR, 2014. p. 35-52.

KOCH-GRÜNBERG, Theodor. *Del Roraima al Orinoco*. Mitos y leyendas de los índios Taulipang y Arekuná. vol. 2. Caracas: Ernesto Armitano, 1989.

LONGXI, Zhang. The yet unknown World Literature. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 32, 2017, p. 53-57.

MEDEIROS, Sérgio (Org.). *Makunaima e Jurupari: cosmogonias ameríndias*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

PERLOFF, Marjorie. O multiculturalismo exerceu um efeito terrível sobre nossa poética. Disponível em <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-marjorie-perloff/>) Acesso em: 04/11/2018

SÁ, Lúcia. *Literaturas da Floresta: textos amazônicos e culturas americanas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

SÁ, Lúcia. O espaço literário do circum-Roraima. In: CARVALHO, Fábio Almeida de. *Literatura e fronteira*. Boa vista, EdUFRR, 2017. p. 71-92.

SALAZAR, M. G. *Cultura pemon: mitología pemón. Guía mítica de la Gran Sabana*. Caracas: Universidade Católica Andrés Bello/Hermanos Menores Capuchinos, 2002.

_____. *Los pemones y su código ético*. Caracas: Universidade Católica Andrés Bello/Hermanos Menores Capuchinos, 2001.

SEN, Amartya. *Identidade e violência: a ilusão do destino*. Lisboa: Tinta da China, 2006.

SOUZA, Roberto Acízelo. Literatura brasileira: nacionalismo e regionalismos. In: CARVALHO, Fábio A. de. *Literatura e fronteira*. (Org). Boa Vista: EdUFRR, 2016. p. 97-120.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *História da literatura. Trajetória, fundamentos, problemas*. São Paulo: É Realizações

_____. Indigenism and the search for Brazilian identity: European influences and national roots. In: COUTINHO, Eduardo F. (Ed.). *Brazilian literature as world literature*. New York: Bloomsbury Academic, 2018. p. 71-96.

_____. *Um pouco de método: nos estudos literários em particular, com extensão às humanidades em geral*. São Paulo: É Realizações, 2016.

STRADELLI, conde de. A lenda do Jurupari. In: MEDEIROS, Sérgio. (Org.). *Makunaima e Jurupari. Cosmogonias ameríndias*. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 271-346.

Abstract

Considerations about the literature of the circum-Roraima region: originality, circulation, transposition and literary drift

Based on the cultural ground of the Circum-Roraima region, located in the extreme north of South America, in the triple border Brazil-Guiana-Venezuela, the essay discusses the theoretical and critical making in the field of literary studies in our days, when the globalizing wave coexists with the claims and inflation of the national, of the local and the ethnic, among other minority manifestations that have gained space in the political and cultural agenda today, from a perspective that privileges reflection on the ways in which literary circulation and the process of literary and cultural exchanges and transfers

keywords: *Literary circulation; world literature; circum-Roraima literature.*